Sobre o uso de dicionários

Herbert Andreas Welker

Universidade de Brasília (UnB)

hawelker@yahoo.com

Resumo. *Todo aprendiz de línguas, todo professor de línguas, todo tradutor - além de outras pessoas - consultam dicionários, com maior ou menor freqüência. Mesmo assim, o assunto "dicionários" é muito pouco debatido no ensino de línguas e em geral, e, considerando-se todos os países do mundo, existem poucas pesquisas sobre seu uso (em média, pouco mais de uma). Nesta apresentação, é dada uma breve visão geral do tema "uso de dicionários". São citadas algumas opiniões a favor do uso e são mencionados livros sobre o ensino de línguas nos quais falta qualquer menção às obras lexicográficas. A maior parte é dedicada às pesquisas sobre o uso de dicionários (tanto no Brasil quanto no mundo), mostrando-se os diversos métodos empregados, os assuntos estudados, problemas e resultados gerais.*

Abstract. *Every language learner, every language teacher, every translator – other people, too – consult dictionaries, more or less frequently. Even so, the topic "dictionaries" is little discussed in language teaching and in general. Indeed, worldwide there are few studies on their use (not much more than one per country on average). In this talk some favorable opinions are quoted, and mention is made of books on language teaching in which lexicographical works are not referred to at all. Most of the lecture is devoted to research on dictionary use (both in Brazil and elsewhere), describing methods, topics, problems and results.*

Palavras-chave: lexicografia; metalexicografia; uso de dicionários

1. O uso de dicionários é ignorado ou desaconselhado

Todo aprendiz de línguas, todo professor de línguas, todo tradutor, assim como outras pessoas, usam dicionários, com maior ou menor freqüência. Mesmo assim, os dicionários são desprezados, ou ignorados, na maioria dos livros sobre o ensino de línguas, e, nas diversas revistas especializadas, encontram-se pouquíssimos artigos sobre o uso de dicionários. Vejamos uma pequena seleção de livros sobre ensino de línguas (estrangeira ou segunda) nos quais não se mencionam dicionários:

The Communicative Approach to Language Teaching (BRUMFIT; JOHNSON (Ed.), 1979).
Communicating Naturally in a Second Language: Theory and Practice in Language Teaching (RIVERS, 1983).
Course Design (DUBIN; OLSHTAIN, 1986).
*Learning Strategies in Second Language Acquisitio*n (O'MALLEY; CHAMOT,1990).
The Language Teaching Matrix (RICHARDS, 1990).
Second Language Teacher Education (RICHARDS; NUNAN, 1990).

Focus on the Language Classroom (ALLWRIGHT; BAILEY, 1991).
An Introduction to Second Language Acquisition Research (LARSEN-FREEMAN; LONG (Ed.), 1991).
Evaluating Second Language Education. (ALDERSON; BERETTA, 1992).
Voices from the Language Classroom (BAILEY; NUNAN, 1996).
The Self-Directed Teacher: Managing the Learning Process (NUNAN; LAMB, 1996).
A course in language teaching: practice and theory (UR, 1996).
Focus on form in classroom second language acquisition (DOUGHTY; WILLIAMS (Ed.), 1998).
Second Language Acquisition (ELLIS, 1998).
Second Language Acquisition Processes in the Classroom (OHTA, 2001).

Muitos especialistas em ensino de línguas estrangeiras – e, repetindo-os, alguns professores – desaconselham o uso de dicionários. Essa opinião baseia-se em certas idéias a respeito do ensino de línguas estrangeiras, sem, muitas vezes, ter um fundamento empírico. A opinião pode até ser válida em determinada situação, mas erroneamente é generalizada, ou seja, considerada correta em todas as situações de aprendizagem.

Principalmente no caso da compreensão de leitura, o uso de dicionários tem sido desaconselhado. Summers (1988, p. 112) fala da "visão predominante de que palavras desconhecidas deveriam ser decodificadas apenas mediante pistas contextuais". Knight (1994, p. 285), Coura Sobrinho (2000, p. 84) e Leffa (2001) têm a mesma impressão. Por exemplo, Knight (ibid.) afirma: "Embora muitos estudantes digam que usam dicionários [...], muitos educadores e pesquisadores desencorajam essa prática, recomendando aos estudantes adivinharem o significado da palavra e consultarem o dicionário apenas como último recurso." Sobre o uso de dicionários no ensino de línguas estrangeiras (LE) em geral, Höfling (2006, p. 70) observa: "Há uma forte insistência nos cursos de LE de que palavras não devem ser pensadas individualmente ou isoladas e, assim, dicionários são vistos como reforços da tendência do aluno em aprender palavras descontextualizadas na aquisição de uma segunda língua."

2. A favor da utilização de dicionários

Em vários países, instruções governamentais recomendam tanto o uso quanto o ensino do uso de dicionários, e em alguns países é expressamente permitido consultar dicionários durante exames. Por exemplo, em alguns estados da Alemanha determina-se exatamente quais obras são permitidas.

Sobre a situação na França, Gross (1989), tratando do assunto "o dicionário e o ensino da língua materna", diz que "as Instruções Oficiais de 1938 autorizavam timidamente sua utilização, aquelas de 1959 o introduziram nos colégios, e foi preciso esperar 1972 para ver a recomendação imperativa do manuseio do dicionário" (GROSS, ibid., p. 175); nessas últimas instruções oficiais constava que as crianças deveriam servir-se de um dicionário o mais cedo possível e que tal obra deveria ser um dicionário para crianças.

Além, obviamente, dos lexicógrafos, vários autores opinaram favoravelmente sobre o uso de dicionários.

Em 1899, o conhecido foneticista e filólogo Henry Sweet incluiu em seu livro *The Practical Study of Language. A Guide for Teachers and Learners* um capítulo intitulado "O dicionário: o estudo do vocabulário".[1] Entre outras afirmações, ele disse:

> Um dicionário realmente útil [...] deveria fornecer amplas informações sobre aquelas construções gramaticais que caracterizam palavras individuais e que não podem ser deduzidas com certeza e facilidade de uma simples regra gramatical. [Também deveria] indicar as formas anômalas e irregulares [...] (p. 257)
> Para facilitar a consulta recomenda-se a ordem alfabética. (p. 258)

Em 1928**,** foi publicada uma palestra de Edward L. Thorndike. Considerada um trabalho revolucionário, ela foi republicada em 1991 no *International Journal of Lexicography*. O autor trata de dicionários escolares de língua materna nos EUA. Sugerindo que se apliquem a psicologia e a ciência educacional aos problemas dos dicionários escolares usados no Ensino Fundamental, ele critica o fato de que os dicionários escolares costumam ser simples reduções dos grandes dicionários (p. 16) e recomenda o uso de imagens, desenhos e diagramas (p. 18); quanto à seleção dos lemas, ela deve ser baseada na freqüência. Thorndike acredita que não é preciso registrar mais do que as 20.000 palavras mais freqüentes.

Em 1940, o pedagogo e lexicógrafo russo Sčerba publicou uma tipologia de dicionários, na qual tratou também de dicionários a serem usados na aprendizagem de línguas estrangeiras.[2] Ele era contra a utilização de dicionários bilíngües (DBs), mas, para aprendizes não muito avançados, ele os considerava um "mal necessário". Porém, o autor admitia um DB apenas na direção LM-LE (língua materna – língua estrangeira), como auxílio em traduções (versões) para a LE. Para a compreensão de textos, sugeriu – no caso de o aluno ainda não poder usar um dicionário monolíngüe comum – um dicionário com os lemas na LE e explicações na LM. Esse dicionário foi chamado por ele de "dicionário explanatório de língua estrangeira". Sčerba acreditava que, tendo entendido as explanações, o aprendiz conseguiria usar as palavras quando produzisse um texto na LE. Mas o autor aceitava que, no lugar das explicações, houvesse traduções (ou equivalentes) nos casos em que isso não prejudicasse a compreensão do significado.

Num artigo sobre o uso de dicionários da língua materna por calouros universitários na atividade "redação", Mathews (1955)[3] fez algumas observações interessantes:

> Dicionários são instrumentos – muito mais complicados e com muito mais usos do que os estudantes imaginam. Nós todos sabemos que os alunos precisam de estímulo e de orientação no uso de dicionários, e talvez haja poucos professores de redação dedicando uma parte de seu programa a ajudar os estudantes a formarem o hábito de consultar dicionários.

---

[1] Esse capítulo foi republicado em Hartmann (2003). Baseio minhas citações nesse texto.

[2] Baseio-me na versão alemã (SČERBA 1982), mas também em Mugdan (1992, p. 26ss.), que criticou e corrigiu algumas partes da tradução. Uma versão inglesa, na qual o nome do autor foi grafado *Shcherba*, foi publicada em 1995.

[3] Baseio-me no texto republicado em 1964.

> [...] poucos estudantes são capazes de usar seus dicionários de maneira eficiente. [...]
> [...] uma coisa é achar uma palavra num dicionário, outra totalmente diferente é compreender plenamente as informações dadas sobre ela.

No livro de Rivers (1968)[4], no capítulo sobre a "habilidade de escrita", a conhecida especialista em metodologia de ensino de LE diferencia três estágios. No terceiro, ela recomenda o uso de dicionários monolíngües.

Yorkey (1969) discorre sobre dicionários norte-americanos, mais exatamente sobre *desk dictionaries*, e analisa cinco de tais obras – destinadas, em princípio, a falantes nativos – para verificar qual seria a melhor para um estrangeiro que estudasse numa faculdade norte-americana, tendo, portanto, já bons conhecimentos de inglês.

O texto de Beattie (1973)[5] é, sobre o uso de dicionários, provavelmente o primeiro artigo mais exaustivo escrito por um professor ou especialista em ensino de línguas que não seja ao mesmo tempo (meta)lexicógrafo. Depois de diversas considerações, o autor diz:

> [O professor] deveria deixar claro para que servem os dicionários e como eles podem ser usados da maneira mais eficaz. Na prática, isso significa que ele vai provavelmente encorajar o uso inteligente de um dicionário monolíngüe na leitura extensiva, e possivelmente, em certa medida, na tradução para a língua materna. Para a versão [para uma LE], um dicionário bilíngüe parece ser mais adequado, embora o monolíngüe seja útil (se ele der exemplos adequados) para conferir que determinadas palavras aparecem num contexto e registro apropriados. (p. 304)

Eu poderia continuar citando autores defendendo o uso de dicionários – sendo que a grande maioria dos trabalhos refere-se à aprendizagem de línguas estrangeiras –, mas, por falta de tempo, vou dar um salto no tempo e no espaço e falar brevemente sobre o Brasil, onde, desde 2001, o próprio governo percebeu a importância de dicionários no Ensino Fundamental.

3. Dicionários de língua materna no Ensino Fundamental brasileiro

Krieger (2006, p. 236) informa:

> O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), criado em 1985 pelo Ministério da Educação do Brasil, é uma iniciativa de amplo impacto na educação, pois objetiva escolha, aquisição e distribuição gratuita de livros didáticos para os alunos das escolas públicas do Ensino Fundamental. [...] Desde 2001, o Programa passou a contemplar a lexicografia, selecionando e adquirindo dicionários para os alunos dessa etapa de ensino.

Sobre a seleção de obras em 2001, Damim e Peruzzo (2006, p. 95), baseando-se em notícia de jornal, afirmam:

---

[4] Cito conforme a tradução brasileira de 1975.

[5] Baseio-me no texto republicado em 2003.

> Na avaliação de 2001, "dos 23 dicionários oferecidos, 11 foram considerados impróprios por especialistas, por serem incompletos ou com verbetes inadequados" [...]. Essas obras, que foram distribuídas para alunos de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, eram de um único tipo, o minidicionário.

Os seis dicionários melhor avaliados foram analisados por Damim (2005), que concluiu que a "maioria dos dicionários escolares sob exame não possui características que permitem diferenciá-los de outros tipos de obras lexicográficas [...]".[6]

Em 2004 foi divulgada uma nova avaliação de dicionários escolares e de minidicionários. Na introdução do *Guia de Livros Didáticos. 1ª a 4ª séries. Volume 4: Dicionários*, lê-se:

> Para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD 2004, os dicionários foram minuciosamente analisados para verificar sua adequação como recurso didático e auxílio aos alunos no processo de leitura e produção de textos, aquisição e domínio das regras gramaticais e ortográficas. O objetivo do MEC com essa ação é iniciar os alunos da rede pública no contato com obras de referência de qualidade. (p. 5)

Depois disso, a política do MEC e a atitude dos responsáveis pelos dicionários mudaram. Do PNLD-2006 faz parte um manual, elaborado por Rangel e Bagno (2006), que foi dirigido aos professores do Ensino Fundamental e que fornece esclarecimentos sobre os dicionários enviados às escolas. Informa o manual:

> Ao contrário das edições anteriores do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, que visavam doar a cada aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental um dicionário escolhido por seus professores com base nas resenhas do *Guia de livros didáticos - Dicionários*, no PNLD 2006 o objetivo foi *equipar as escolas* com um número significativo de diferentes títulos de dicionários. [...]
> Todos esses dicionários *são compatíveis com o uso escolar no Ensino Fundamental*, seja nos quatro ou cinco anos do primeiro segmento, seja nas quatro séries do segundo segmento; e privilegiam o *português brasileiro*, tanto no conjunto de palavras que reúnem quanto na linguagem usada nas definições e explicações. Além disso, todos eles foram selecionados por seu bom desempenho, num rigoroso processo de avaliação. (RANGEL e BAGNO, ibid., p. 32)

Contrariamente ao PNLD/2004, os dicionários, embora tenham sido avaliados, não foram classificados em termos de qualidade geral como na avaliação anterior. Mas a grande inovação do PNDL/2006 foi a diferenciação de tipos de dicionários por nível de escolaridade dos usuários, ou por seu nível de proficiência lingüística:

> [...] os dicionários vêm organizados em **três acervos** diferentes, dirigidos a alunos de níveis distintos de ensino-aprendizagem. Por isso mesmo, sem esquecer o que é comum a todo e qualquer dicionário escolar de Língua Portuguesa, perseguem objetivos específicos, ou seja: obedecem a propostas pedagógicas e

[6] Cabe mencionar que já em 2001, De Lucca analisou e comparou detalhadamente oito minidicionários, sendo seis brasileiros e dois portugueses.

> lexicográficas particulares, voltadas para o aluno de um ou outro desses níveis. Assim, têm características próprias: diferem na quantidade e no tipo de palavras que registram, bem como na forma de explicar os seus sentidos e de montar o dicionário com vistas a facilitar o manejo pelo aluno [...]. (RANGEL e BAGNO, ibid.: 32)[7]

Cabe mencionar que em sua tese de doutorado, Gomes (2007) examinou seis desses dicionários, dois de cada tipo. No final, a autora expressa a seguinte opinião (p. 173):

> O PNLD/Dicionários inaugura uma etapa de pesquisa e labor lexicográfico inéditos na tradição brasileira; começa-se a delinear critérios e paradigmas para a construção de propostas lexicográficas adequadas ao público e à realidade brasileiros, oferecendo como produto final dicionários, de fato, escolares e não meros recortes de obras mais amplas da língua portuguesa.

Em uma parte de seus trabalhos, Gomes (ibid.) e Moraes (2007) relatam uma pesquisa, realizada por cada uma das autoras, sobre o uso de dicionários, ou mais exatamente sobre as atitudes dos professores. Moraes (ibid., p. 44) percebeu numa escola pública que a maioria dos sete informantes "acredita que o dicionário seja um instrumento fundamental para o enriquecimento do léxico", mas não é utilizado "nenhum dicionário como auxiliar desse processo de aprimoramento vocabular". E Gomes (ibid., p. 249) resume suas observações com as seguintes palavras:

> [...] se o dicionário escolar ainda é subempregado ou desconhecido é porque, muitas vezes, o professor não sabe utilizá-lo, não tem idéia dos conteúdos passíveis de aplicação em sala de aula e, incrivelmente, não sabe como manusear o dicionário, não tem sistematizado o conhecimento de que o dicionário é um tipo de obra didática com suas especificidades lingüísticas e tipográficas [...].

Ela conclui:

> [...] é patente a necessidade urgente de capacitação dos professores por meio de cursos e oficinas que forneçam as informações necessárias à boa execução do intento do PNLD, que é o de proporcionar ao aluno da rede pública de ensino material didático e ensino de qualidade. (GOMES ibid., p. 250)

O referido manual de Rangel e Bagno (2006), no qual estão incluídos esclarecimentos sobre questões lexicográficas gerais e sobre como usar as obras, constitui um primeiro passo na capacitação dos professores.

Mas o que foi dito neste item refere-se somente aos dicionários de língua materna e ao Ensino Fundamental. Cabe iniciar um trabalho a favor da utilização de dicionários também no Ensino Médio e também de dicionários de língua estrangeira.

---

[7] Tanto Krieger (2006, p. 239, 252) quanto Gomes (2007, p. 101) mencionam apenas dois acervos. Aparentemente, a divisão em três acervos foi feita sem que as duas autores tomassem conhecimento disso.

4. Sobre o ensino do uso de dicionários

No caso do Ensino Fundamental é preciso mostrar aos professores como os dicionários podem ser utilizados. A necessidade de os professores conhecerem os dicionários existe também em outras situações, tanto no Ensino Médio quanto no Ensino Superior, na aprendizagem e uso tanto da língua materna quanto de línguas estrangeiras. Porém, nessas outras situações tem-se falado muito mais da necessidade de ensinar-se a utilização de dicionários aos próprios aprendizes.

Machado (2001) perguntou no título de seu artigo: "Dicionários: não será preciso ensinar como usá-los?" Na verdade, muitos autores já escreveram sobre essa necessidade, e vários deles propuseram – quer em artigos, quer em pequenos livros – exercícios para treinar a utilização de dicionários.[8] Além disso, os atuais dicionários para aprendizes do inglês, como também alguns de outras línguas, incluem atividades para maximizar o aproveitamento dessas obras. E há ainda os chamados *Workbooks* (livros de atividades) que, na sua maioria, acompanham determinado dicionário, ao passo que uma minoria pretende treinar o uso de dicionários em geral.[9]

5. Pesquisas sobre o uso de dicionários

Na primeira Conferência de Lexicografia, realizada em novembro de 1960 na Universidade de Indiana, EUA, Householder (1962 [1967, p. 279]) disse sua multiplamente citada frase: "Os dicionários deveriam ser elaborados levando-se em consideração um determinado grupo de usuários e suas necessidades específicas."

Mas para que possam ser levados em conta grupos de usuários, é preciso que se conheçam os usuários. Assim, Wiegand (1977, p. 60ss.) falou da necessidade de se realizarem pesquisas empíricas cujos resultados pudessem ajudar o lexicógrafo a redigir melhores verbetes.

Surgiram então pesquisas empíricas. A primeira já havia sido realizada em 1955, nos EUA, mas somente em 1973 e 1979 foram empreendidas as duas seguintes.

O que são pesquisas empíricas?

Empírico significa *grosso modo* "baseado na observação". Contudo, no caso do uso de dicionários, não se trata de observar, examinar ou analisar dicionários, e sim investigar o uso. Portanto, estão excluídos trabalhos em que o autor meramente opina sobre dicionários ou sobre sua utilização, inclusive fazendo críticas e/ou dando sugestões para melhorias. De preferência, excluem-se também trabalhos em que o autor fala de sua própria experiência com o uso de dicionário ou das impressões colhidas nas suas aulas a respeito disso. O que resta então?

Pesquisas empíricas sobre o uso de dicionários são estudos em que os usuários são os informantes ou sujeitos de pesquisa.

Tais estudos podem ser divididos em três grandes categorias:

---

[8] Uma lista com mais de 50 trabalhos, que datam de 1964 a 2005, encontra-se em Welker (2006, p. 425ss.).

[9] Muitos desses *workbooks* foram analisados e avaliados por Stark (1990).

1) enquetes (usando-se questionários) ou entrevistas nas quais se verificam fatos, opiniões e atitudes dos usuários com relação aos dicionários; quer-se saber, por exemplo, que tipos de dicionário eles usam, quantos possuem, quantas vezes usam, em que situações consultam, quais dificuldades sentem, quais críticas têm a fazer, o que gostariam de ver melhorado;
2) estudos da utilização efetiva (real) de dicionários; em tais pesquisas o método é algum tipo de observação;
3) estudos do efeito do uso do dicionário; são somente tais pesquisas que podem ser a base de opiniões sobre a vantagem ou desvantagem de se usar dicionários ou sobre os pontos positivos ou negativos de certos dicionários ou de determinados componentes.

O primeiro grande problema nos três tipos de pesquisa é conseguir um número suficiente de informantes (chamados também de sujeitos ou participantes). Quando, em algum país, não se sabe ainda nada sobre a utilização de dicionários, um estudo com poucos informantes é melhor do que nenhum. Mas, obviamente, os resultados de tais estudos restritos não podem ser generalizados.

Em Welker (2006) foram resumidos 220 estudos empíricos. Como algumas pesquisas realizadas em algum lugar do mundo não foram publicadas ou são dificilmente acessíveis, calculo que, até 2006, foram empreendidas, no total, entre 250 e 300 estudos no mundo inteiro. A grande maioria deles trata do uso de dicionários por parte de aprendizes de línguas estrangeiras, e em cerca de 75% dos casos os dicionários eram de inglês (quer monolíngües quer bilíngües nos quais um dos idiomas era o inglês).

5.1 Enquetes

Enquanto para as investigações do tipo (2) e (3) se aceita um número relativamente pequeno de sujeitos – devido à dificuldade de realização de tais pesquisas com quantidades maiores – têm sido criticadas enquetes com poucos informantes, por exemplo, dez ou vinte. As pesquisas por questionário com os maiores números de informantes são: Tall e Hurman (2000) – 1.300; Boonmoh e Nesi (2007) – 1.241; Atkins e Varantola (1998) – 1.140. Mas para avaliar essas e outras pesquisas é preciso também verificar o número e o conteúdo das perguntas. Por exemplo, as duas primeiras foram muito específicas (na primeira perguntou-se sobre o uso de dicionários após determinado teste, e a segunda tratou da utilização de dicionários eletrônicos portáteis), ao passo que a terceira foi a mais abrangente de todas.[10]

No que diz respeito aos estudos por questionário, o grande problema são perguntas como as seguintes sobre a utilização:

O que você procura mais num dicionário?
Em que circunstância você o consulta mais?
O dicionário ajuda (em quantos porcento das consultas)?
Qual parte do verbete ajuda mais?

[10] Um breve resumo encontra-se em Welker (2006a, p. 226ss.).

As respostas – dadas bem depois da utilização – revelam apenas a idéia que os usuários têm de suas consultas, não o verdadeiro uso. Por isso, surgiram as críticas aos questionários, que foram bem resumidas nas perguntas de Hatherall (1984, p. 184):

> Os sujeitos estão dizendo o que fazem, ou o que acham que fazem, ou o que acham que deveriam fazer, ou há uma mistura de tudo isso? Todos eles definem as categorias da mesma forma, e da mesma maneira que o pesquisador?

O que, segundo Zöfgen (1994, p. 43) e outros autores, invalida os resultados de várias pesquisas são justamente as perguntas: às vezes, elas não são compreendidas, outras vezes, elas influenciam o respondente, ou elas são difíceis demais.

Devido a todos esses problemas, e também ao fato de que os assuntos, usuários ou dicionários investigados eram muito específicos, os resultados generalizáveis são pouco numerosos. Engelberg e Lemnitzer (2001, p. 70ss.) enumeram as seguintes tendências gerais:

- Uma minoria de alunos recebeu treinamento no uso de dicionários.
- Poucos sabem escolher os dicionários que melhor lhes convêm e conhecem bem aqueles que consultam. Isso vale também para boa parte dos professores.
- Os professores superestimam as habilidades de uso dos estudantes.
- Os aprendizes de línguas estrangeiras preferem DBs. Com o aumento da proficiência em LE, aumenta o uso de dicionários monolíngües para aprendizes, mas os DBs não são descartados, sendo mesmo consultados por muitos alunos avançados.
- A qualidade dos DBs é criticada mais do que a dos dicionários monolíngües (DMs).
- DMs são consultados principalmente em atividades receptivas.
- Os aprendizes queixam-se da dificuldade das definições nos DMs.
- As informações mais procuradas são nitidamente: o significado (ou equivalente em LM nos DBs), o equivalente – ou tradução – em LE e a ortografia.
- Os usuários desejam definições mais claras, mais facilmente compreensíveis, como também mais exemplos e um melhor layout do dicionário.
- Os componentes externos dos dicionários (introdução, guia do usuário, apêndices) raramente são lidos.
- Dicionários eletrônicos ainda são usados bem menos do que dicionários impressos.

5.2 Pesquisas sobre o uso efetivo ou sobre o efeito do uso

Em pesquisas dos tipos (2) e (3), deveriam ser levados em conta os seguintes fatores (cf. HULSTIJN; ATKINS, 1998, p. 12), os quais teriam que ser primeiro verificados ou determinados e depois especificados nos relatos:

- tipo de usuário (e suas respectivas habilidades lingüísticas): criança; adulto; aprendiz iniciante/intermediário/avançado;
- lugar da utilização: no seu próprio país ou no exterior;

- tipo de dicionário: monolíngüe; bilíngüe; "semibilíngüe"; simples (pouco informativo); mais informativo; especializado; eletrônico;
- língua: proximidade entre língua materna e língua estrangeira;
- habilidade de uso do dicionário: o usuário recebeu alguma instrução ou não?
- tipo de situação de uso: compreensão de leitura; redação; tradução; versão; compreensão auditiva; produção oral;[11] aprendizagem do vocabulário;
- local: na sala de aula; fora da sala de aula.

5.2.1 Estudos sobre o uso efetivo

Para se estudar a utilização real de dicionários, um bom método seria a filmagem durante a atividade do usuário, junto com um protocolo verbal. Obviamente, isso só é viável com poucos sujeitos, de modo que esse método foi aplicado pouquíssimas vezes; no primeiro desses estudos (ARD 1982) havia apenas dois sujeitos.

O método mais usado para se investigar a utilização real é o protocolo. Protocolos podem ser feitos por algum observador ou pelo próprio usuário. No segundo caso, há três tipos de protocolo: o protocolo escrito "simultâneo"[12], o protocolo escrito retrospectivo e o protocolo oral. O primeiro e o terceiro têm o problema de as consultas não serem totalmente naturais, já que são interrompidas por alguns instantes. O retrospectivo é criticado porque implica a memória, que, obviamente, pode falhar. Em todos os três tipos, há uma certa subjetividade, pois o usuário pode nem estar consciente do que está fazendo exatamente. Apesar de eventuais falhas, o protocolo oral é o mais recomendado, porque ele é feito na mesma hora das consultas, as quais são menos interrompidas do que no protocolo escrito "simultâneo". No Brasil, o método do protocolo oral foi empregado como parte da pesquisa de doutorado de Höfling (2006). Havia dez participantes. Também Brito (1992) usou esse método (numa pesquisa sobre estratégias de leitura), mas a autora não revela nem o número de sujeitos nem os dados quantitativos dos resultados. No mundo todo, contam-se cerca de 25 protocolos orais. Protocolos escritos "simultâneos" foram feitos, no Brasil, pelos 80 sujeitos da pesquisa de Gomes (2006).

Hoje em dia, dispondo-se de dicionários eletrônicos, a utilização pode ser verificada eletronicamente, pois todas as consultas podem ser registradas. Entretanto, esses registros não revelam os motivos exatos das consultas; por isso, seria bom que os usuários anotassem, a cada consulta, o motivo, o que, novamente, leva a resultados não completamente objetivos. Porém, sem dúvida, o aproveitamento do meio eletrônico é uma grande vantagem. Por outro lado, o registro eletrônico não se aplica aos dicionários tradicionais – que ainda são a maioria.

5.2.2 Pesquisas sobre o efeito do uso de dicionários

O assunto mais importante e mais difícil a ser estudado é o *efeito do uso* de dicionários. Nesse tipo de investigação quer-se saber em que medida a utilização de dicionários – mais exatamente, de certos tipos de dicionário ou de determinadas obras – melhora ou

[11] Todas essas situações podem ser subdivididas em: (a) consultas durante um exercício ou dever de casa; (b) consultas durante um exame.

[12] Coloco *simultâneo* entre aspas porque, obviamente, o protocolo não pode ser escrito ao mesmo tempo em que se consulta o dicionário. Wiegand (1998, p. 984) chama esse tipo de "inserido nas consultas".

piora o desempenho do usuário. Freqüentemente estuda-se também a influência de certos componentes (por exemplo, definições ou exemplos). Somente com base nos resultados de tais pesquisas deveria ser afirmado se o uso de dicionários – em determinada situação – é vantajoso ou prejudicial.

Para verificar-se o efeito do uso, é preciso fazer testes. Uma possibilidade é solicitar ao mesmo grupo de sujeitos executar alguma tarefa, uma vez sem, a outra vez com dicionário; outra possibilidade é dividir os sujeitos em dois ou mais grupos, um trabalhando sem dicionário, o(s) outro(s), com dicionário, ou com diversos tipos de dicionários.

A forma de avaliação dos testes é problemática. Para a compreensão de leitura, por exemplo, que é o assunto mais estudado, usam-se muitas vezes testes de múltipla escolha. Mas tais testes podem facilitar a compreensão, a qual, então, não é medida objetivamente. Outras vezes, foi usada uma tradução para a língua materna para avaliar a compreensão; porém, nesse caso, não é avaliada somente a compreensão, e sim também a habilidade de tradução.

Em várias pesquisas, os sujeitos não usaram verdadeiros dicionários, e sim folhas nas quais havia cópias de alguns verbetes. Tal procedimento permite investigar certos fatos, mas não corresponde ao uso de dicionários em situações reais.

Mas a maior dificuldade de se investigar o efeito do uso (de dicionários em geral, de certos tipos de dicionários ou de determinados componentes) é a eliminação de fatores que podem influenciar os resultados. Provavelmente os mais difíceis de serem eliminados, ou "isolados", são a habilidade lingüística e a habilidade de consulta dos usuários. É claro que a facilidade de se usar o dicionário depende parcialmente do grau de conhecimentos que se tem da língua e da habilidade de utilizar dicionários. Se os sujeitos da pesquisa, ou, mais exatamente, os dois ou mais grupos (cada um usando um dicionário ou tipo de dicionário diferente), têm níveis de habilidades diferentes, não se consegue medir corretamente o efeito do uso do dicionário. Nas melhores pesquisas, essas diferenças foram eliminadas, ou evitadas, mediante testes de proficiência lingüística e de habilidade de consulta antes da realização do experimento.[13]

5.3 Pesquisas empíricas sobre o uso de dicionários no Brasil

No Brasil foram realizados, até agora, relativamente poucos estudos empíricos sobre o uso de dicionários.

Enquetes foram geralmente feitas em uma única instituição de ensino e, às vezes, sobre determinado tipo de dicionário (TEIXEIRA 2005) e/ou com poucos informantes (20 a 64). Há um caso em que os dados se baseiam em apenas três informantes. A enquete brasileira mais ampla – combinando o maior número de informantes (311) com o maior número de perguntas (32) – foi realizada por De Lucca (2001). A segunda mais ampla (150 questionários de 25 perguntas) foi a de Höfling (2006).[14]

---

[13] Por falta de tempo, não diferencio entre *teste* e *experimento*. Para mais detalhes, cf. Welker (2006, p. 31ss.).

[14] De Lucca, que havia recebido 816 questionários, preenchidos por alunos de várias séries do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, resolver analisar estatisticamente apenas os 311 questionários preenchidos pelos alunos da 1ª série do Ensino Médio. No caso de Höfling, 197 estudantes de cursos de

Às vezes, os relatos de pesquisa pecam por não apresentarem uma descrição detalhada dos procedimentos ou mesmo dos dados obtidos. Há artigos em que se descreve uma pesquisa em curso e se mencionam alguns resultados preliminares, mas falta um relato da pesquisa concluída (ANDRADE, 1992; YAMAGUTI, 2003).

Em alguns casos (GOMES, 2007; BETTONI-TECHIO; HUMBLÉ 2007), os informantes não foram alunos, e sim professores, pois o objetivo foi conhecer as atitudes e os conhecimentos desses profissionais em relação aos dicionários.

O uso efetivo foi pesquisado por Gomes (2006) e por Höfling (2006), e o efeito do uso foi investigado por Coura Sobrinho (1998), Conceição (2004; 2004a), Teixeira (2005), Höfling (2006), Durão e Zacarias (2007) e Loguercio (2007). Leffa (1991) e Ernst-Martins (2003) verificaram o efeito de glosas eletrônicas em textos disponíveis no computador. Araújo (2007; 2007a) realizou uma das poucas pesquisas no mundo sobre o efeito do ensino do uso de dicionários.[15]

O primeiro estudo empírico brasileiro foi o de Leffa (1991). Na mesma década foram publicados relatos de mais cinco pesquisas. Nota-se, portanto, que o número de investigações empíricas sobre o uso tem aumentado bastante neste século. É de esperar que essa tendência continue.

Mas não somente o uso de dicionários tem que ser estudado como também os próprios dicionários, de todos os tipos: monolíngües gerais, minidicionários de língua materna, dicionários escolares, dicionários bilíngües (grandes e pequenos), dicionários para aprendizes (*learners' dictionaries*) e outros. Tais análises foram feitas, por exemplo, em artigos de Maria Tereza C. Biderman (e.g. Biderman, 2004) e nas dissertações ou teses de Amaral (1996), De Lucca (2001), Assirati (2003), Damim (2005), Gomes (2007) e Moraes (2007). Um outro objetivo interessante é verificar o que consta sobre dicionários em livros didáticos, quais atividades são propostas e em que medida elas são realizadas pelos alunos, assunto estudado por Müller (2000) e por Amorim (2003).

Tendo em vista a diversidade de dicionários e de situações de uso, há muito ainda a pesquisar.

Referências bibliográficas

ALDERSON, J. Charles; BERETTA, Alan. *Evaluating Second Language Education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ALLWRIGHT, Dick; BAILEY, Kathleen M.. *Focus on the Language Classroom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

AMORIM, Karine Vianna. *O Dicionário: Do livro didático à sala de aula.* 2003. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

Letras-Inglês de três universidades preencheram o questionário, mas a autora decidiu analisar apenas 50 questionários de alunos de cada uma das três universidades.

[15] Uma avaliação das pesquisas mostraria que há grandes diferenças na sua qualidade (levando-se em conta o número de sujeitos, os procedimentos adotados e a forma de apresentação dos resultados).

ANDRADE, Maria Aparecida F. de. Dicionários: Meta, atalho ou mito? *The ESPecialist* v. 13, n. 1, p. 65-74, 1992.

ARAÚJO, Edna M. V. *O dicionário para aprendizes em sala de aula*: uma ferramenta de ensino e aprendizagem. 2007. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

_____. 2007a. O dicionário monolíngüe para aprendizes: uma ferramenta de ensino/aprendizagem. *Horizontes de Lingüística Aplicada*, v. 6, n. 2, p. 253-272.

ARD, Josh. The Use of Bilingual Dictionaries by ESL Students While Writing. *ITL, Review of Applied Linguistics*, v. 58, p. 1-27, 1982.

ASSIRATI, Elaine T. *Uma análise crítica de dicionários escolares bilíngües inglês-português/português-inglês adotados no Brasil e o ensino de língua inglesa nas escolas brasileiras*. 2003. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2003.

ATKINS, B. T. S.; VARANTOLA, Krista. Language Learners Using Dictionaries: The Final Report on the EUROLEX / AILA Research Project on Dictionary Use. In: ATKINS, B. T. S. (Ed.), *Using Dictionaries. Studies of Dictionary Use by Language Learners and Translators*. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 21-81.

BAILEY, Kathleen M.; NUNAN, David. *Voices from the Language Classroom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BEATTIE, Nicholas. Teaching Dictionary Use. *Modern Language*, v. 54, n. 4, p. 161-168, 1973. (Republicado em: Hartmann, R.R.K. (Ed.), *Lexicography. Critical Concepts.* Vol. 3: Lexicography, metalexicography and reference science. London / New York: Routledge, 302-311, 2003.)

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. 2004. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o AURÉLIO e o HOUAISS. In: ISQUERDO, A. N; KRIEGER, M. da G. (Org.), *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume II. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2004. p. 185-200.

BOONMOH, Atipat; NESI, Hilary. A survey of dictionary use by Thai staff and students, with special reference to pocket electronic dictionaries. *Horizontes de Lingüística Aplica*, v. 6, n. 2, p. 79-90, 2007.

BRITO, Eliana V. Leitura de textos didáticos: Uma abordagem pragmática. *The ESPecialist*, v. 13, n. 1, p. 93-102, 1992.

BRUMFIT, C. J.; JOHNSON, K. (Ed.). *The Communicative Approach to Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

CONCEIÇÃO, Mariney P. *Vocabulário e consulta ao dicionário:* analisando as relações entre experiências, crenças e ações na aprendizagem de LE. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

_____. A influência da tarefa proposta e a retenção de itens lexicais na utilização da estratégia uso do dicionário. *Estudos Lingüísticos*, v. 7, p. 131-142, 2004a.

COURA SOBRINHO, Jerônimo. *O dicionário como um instrumento auxiliar na leitura em língua estrangeira*. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

_____. Uso do dicionário configurando estratégia de aprendizagem de vocabulário. In: LEFFA, V. J. (Ed.), *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem*. Pelotas: Educat, p. 73-79, 2000.

DAMIM, Cristina P. *Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar*. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em:<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5320/000468591.pdf?sequence=1>. Acesso em: 04/09/2008.

_____; PERUZZO, Marinella S. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. *Cadernos de Tradução*, v. 18, p. 93-113, 2006.

DE LUCCA, José L. *Minidicionários da língua portuguesa:* análise contrastiva das macro e microestruturas e sugestões de modelo. 2001. Tese (Doutorado em Lingüística), USP, São Paulo, 2001.

DOUGHTY, Catherine; WILLIAMS, Jessica (Ed.). *Focus on form in classroom second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DUBIN, Frida; OLSHTAIN, Elite. *Course Design*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

DURÃO, Adja B. de A. B.; ZACARIAS, Regiani A. S. Efeito do uso de dicionários bilíngües escolares na produção escrita de aprendizes de inglês. *Horizontes de Lingüística Aplicada* , v. 6, n. 2, p. 181-197, 2007.

ELLIS, Rod. *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

ENGELBERG, Stefan & LEMNITZER, Lothar. *Einführung in die Lexikographie und Wörterbuchbenutzung*. Tübingen: Stauffenberg, 2001.

ERNST-MARTINS, Neusa M. R. O Uso do Dicionário On-Line na Compreensão de Textos em Língua Espanhola. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2003.

GOMES, Denise F. *O uso do dicionário bilíngüe na produção escrita em alemão como língua estrangeira*. 2006. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GOMES, Patrícia V. N. *O processo de aquisição lexical na infância e a metalexicografia do dicionário escolar*. 2007. Tese (Doutorado em Lingüística), UnB, Brasília, 2007.

GROSS, Gaston. Le dictionnaire et l'enseignement de la langue maternelle. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Ed.), *Wörterbücher: ein Internationales Handbuch zur Lexikographie.* – Dictionaries: an International Handbook on Lexicography. v. 1. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1989. p. 174-181.

HATHERALL, Glyn. Studying dictionary use: some findings and proposals. In: HARTMANN, R.R.K. (Ed.), *LEXeter '83 Proceedings*. Tübingen: Niemeyer, 1984. p. 183-189.

HÖFLING, Camila. *Traçando um perfil de usuários de dicionários – estudantes de Letras com Habilitação em Língua Inglesa:* um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo. 2006. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2006.

HOUSEHOLDER, Fred W. Summary Report. In: _____; SAPORTA, S. (Ed.), *Problems in Lexicography*. 2. ed. Bloomington, 1967 [[1]1962]. p. 279-282.

HULSTIJN, Jan H.; ATKINS, B. T. S. Empirical Research on Dictionary Use in Foreign-Language Learning: Survey and Discussion. In: ATKINS, B. T. S. (ed.), *Using Dictionaries.* Studies of Dictionary Use by Language Learners and Translators. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 7-19.

KNIGHT, Susan. Dictionary Use While Reading: The Effects On Comprehension and Vocabulary Acquisition For Students of Different Verbal Abilities. *The Modern Language Journal*, v. 78, n. 3, p. 283-299, 1994.

KRIEGER, Maria da Graça. Políticas públicas e dicionários para escola: o programa nacional do livro didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. *Cadernos de Tradução*, v. 18, p. 235-252, 2006.

LARSEN-FREEMAN, Diane; LONG, Michael (Ed.). *An Introduction to Second Language Acquisition Research*. London: Longman, 1991.

LEFFA, Vilson J. O uso do dicionário eletrônico na compreensão de texto em língua estrangeira. In: XI Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Computação, Santos, agosto de 1991. *Anais*, São José dos Campos, INPE, p. 187-200, 1991.

_____. 2001. O uso de dicionários on-line na compreensão de textos em língua estrangeira. (Trabalho apresentado no *VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplica*. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001). Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/dicionario.htm>. Acesso em: 21/02/2004.

LOGUERCIO, Sandra D. O uso de dicionários bilíngües por alunos de Francês Instrumental. *Horizontes de Lingüística Aplicada*, v. 6, n. 2, p. 181-197, 2007.

MACHADO, Maria Teresa. Dicionários: não será preciso ensinar como usá-los? *Claritas* (Revista do Departamento de Inglês da PUC-SP), v. 7, p. 85-93, 2001.

MATHEWS, Mitford M. The Freshman and His Dictionary. *College Composition and Communication*, v. 6, p. 197-190, 1955. (Republicado em: ALLEN, H. B. (Ed.), *Readings in Applied English Linguistics*. New York: Appleton-Century-Croft, 1964. p. 434-438.)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Guia de Livros Didáticos. 1ª a 4ª séries. Volume 4: Dicionários*. Programa Nacional do Livro Didático. Brasília: Ministério da Educação, 2003.

MORAES, Adriana C. de. *A utilização de dicionários de Língua Portuguesa em salas de aula do Ensino Fundamental*. 2007. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

MUGDAN, Joachim. Zur Typologie zweisprachiger Wörterbücher. In: MEDER, G.; DÖRNER, A. (Ed.), *Worte, Wörter, Wörterbücher*. Tübingen: Niemeyer, 1992. p. 25-48.

MÜLLER, Vera. *O uso de dicionários como recurso pedagógico na sala de aula de língua estrangeira.* 2000. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

NUNAN, David; LAMB, Clarice. *The Self-Directed Teacher: Managing the Learning Process*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

O'MALLEY, J. Michael; CHAMOT, Anna U. *Learning Strategies in Second Language Acquisitio*n. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

OHTA, Amy S. *Second Language Acquisition Processes in the Classroom*. Learning Japanese. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

RANGEL, Egon de O.; BAGNO, Marcos. *Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/polleidicio.pdf>. Acesso em: 04/10/2007.

RICHARDS, Jack C. *The Language Teaching Matrix*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____; NUNAN, David. *Second Language Teacher Education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

RIVERS, Wilga. *Teaching Foreign-Language Skills*. Chicago: University of Chicago Press, 1968. (Tradução brasileira de Hermínia S. Marchi: *A Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras*. São Paulo: Pioneira, 1975.)

_____. 1983. *Communicating Naturally in a Second Language*: Theory and Practice in Language Teaching. Cambridge: Cambridge University Press.

SČERBA, Lev V. Versuch einer allgemeinen Theorie der Lexikographie. In: WOLSKI, W. (Ed.), *Aspekte der sowjetrussischen Lexikographie. Übersetzungen, Abstracts, bibliographische Angaben*. Tübingen: Niemeyer, 1982. p. 17-62.

SHCHERBA (= SČERBA), Lev V. Towards a General Theory of Lexicography. *International Journal of Lexicography*, v. 8, n. 4, p. 314-350, 1995.

STARK, Martin. *Dictionary workbooks*: *A critical evaluation of dictionary workbooks for the foreign language learner*. Exeter: University of Exeter Press, 1990.

SUMMERS, Diane. The role of dictionaries in language learning. In: CARTER, R.; McCARTHY, M. (Ed.), *Vocabulary and Language Teaching*. London: Longman, p. 111-125, 1988.

SWEET, Henry. *The Practical Study of Languages. A Guide for Teachers and Learners*. London: Dent, 1899.

_____. The dictionary: Study of the vocabulary. In: HARTMANN, R. R. K. (Ed.), *Lexicography: Critical Concepts*. v. 3. London / New York: Routledge, 2003. p. 257-268.

TALL, Graham; HURMAN, John. Using a dictionary in a written French examination: the students´ experience. *Language Learning Journal*, v. 21, p. 50-56, 2000.

TEIXEIRA, Priscilla G. I. E. *O Uso do Dicionário Bilíngüe Português / Espanhol no Ensino Fundamental do Colégio Dom Jaime Câmara*. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

THORNDIKE, Edward L. The psychology of the school dictionary. *Bulletin of the School of Education*, Indiana University, Bloomington, v. 4, n. 6, p. 24-31, 1928. (Republicado em: *International Journal of Lexicography*, v. 4, n. 1, p. 15-22, 1991.)

UR, Penny. *A course in language teaching: practice and theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

WELKER, Herbert A. *O Uso de Dicionários: Panorama geral das pesquisas empíricas*. Brasília: Thesaurus, 2006.

_____. 2006a. Pesquisando o uso de dicionários. *Linguagem & Ensino*, v. 9, n. 2, p. 223-243.

WIEGAND, Herbert E. Nachdenken über Wörterbücher: Aktuelle Probleme. In: DROSDOWSKI, G., HENNE, H. & WIEGAND, H. E. (Ed.), *Nachdenken über Wörterbücher*. Mannheim: Bibliographisches Institut, 1977. p. 51-102.

_____. *Wörterbuchforschung. Untersuchungen zur Wörterbuchbenutzung, zur Theorie, Kritik, Geschichte und Automatisierung von Wörterbüchern.* Berlin: de Gruyter, 1998.

YAMAGUTI, André Luis. O uso do dicionário bilíngüe italiano-português-português-italiano por estudantes de italiano L2. *Cadernos do CNLF*, Série VII, n. 6, 2003. Disponível em: <www.filologia.org.br/viicnlf>. Acesso em: 02/02/2004.

YORKEY, Richard. Which Desk Dictionary Is Best for Foreign Students of English? *TESOL Quartely*, v. 3, p. 257-271, 1969.

ZÖFGEN, Ekkehard. *Lernerwörterbücher in Theorie und Praxis*. Tübingen: Niemeyer, 1994.